



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PRÁTICA DE PESQUISA

***TESORO DELLA SANTISSIMA POVERTÀ: O ELOGIO DA POBREZA NOS FIORETTI
DE SÃO FRANCISCO (SÉC. XIV)***

Denisson Abreu Teles

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Alves

SÃO CRISTÓVÃO - SE
ABRIL - 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PRÁTICA DE PESQUISA

***TESORO DELLA SANTISSIMA POVERTÀ: O ELOGIO DA POBREZA NOS FIORETTI
DE SÃO FRANCISCO (SÉC. XIV)***

Denisson Abreu Teles

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Alves

**Artigo apresentado para
avaliação da disciplina Prática de
Pesquisa, ministrada pelo Prof.
Francisco José Alves, no 2º
semestre de 2016**

SÃO CRISTÓVÃO - SE

ABRIL - 2017

Agradecimentos

Sou grato a Deus pela silenciosa Providência; ao meu orientador, o prof. Francisco José Alves, por acolher o tema do meu artigo solicitamente e me orientar com paciência e didatismo na elaboração deste; e, por fim, a frei Giovanni Messias (O.F.M. Cap.) por me apresentar a fonte que deu origem a este trabalho.

“É a nossa vida que forma o vosso supérfluo. Tudo o que se acrescenta às vossas vaidades é um roubo feito às nossas necessidades” (São Bernardo de Claraval)¹

¹Apud. VAUCHEZ, 1995, p. 11.

**TESORO DELLA SANTISSIMA POVERTÀ: O ELOGIO DA POBREZA NOS
FIORETTI DE SÃO FRANCISCO (SÉC. XIV)**

Por Denisson Abreu Teles²

Orientado pelo prof. dr. Francisco José Alves (DHI–UFS)

RESUMO:

Este artigo aborda a pobreza no contexto do franciscanismo do século XIV. Toma como matéria-prima os *Fioretti de São Francisco*, conjunto de historietas em torno de São Francisco e seus seguidores, de autoria desconhecida. O objetivo é levantar, classificar e interpretar a tematização da pobreza nos relatos de visões e aparições presentes nas fontes. O tratamento dos documentos tomou como inspiração a “descrição densa”, como formulada por Clifford Geertz (1973) e aplicada às fontes históricas por Robert Darnton (1984). Na abordagem, foi utilizada a noção de *representação*, formulada pelo historiador francês Roger Chartier (1991). O aporte efetuado mostrou que: a pobreza é tema capital nos *Fioretti de São Francisco*; a exaltação da pobreza presente nos *Fioretti* pode ser interpretada como componente do imaginário medieval cristão e das tradições que o influenciaram; por outro lado, é uma contestação dos valores burgueses emergentes, com a função de promover um dos valores capitais da Ordem Franciscana.

Palavras-chaves: Franciscanismo; São Francisco; Idade Média; pobreza.

**TESORO DELLA SANTISSIMA POVERTÀ: THE PRAISE OF POVERTY IN THE
FIORETTI OF SÃO FRANCISCO (XIV CENTURY)**

ABSTRACT:

This article addresses poverty in the context of 14th century Franciscanism. The research takes as raw material the *Fioretti of San Francisco*, a set of short stories about Saint Francis and its

² Concludente do curso de Licenciatura em História (DHI–UFS); monitor bolsista na disciplina Introdução à História (DHI–UFS) sob a orientação do prof. dr. Francisco José Alves. E-mail para contato: denissonabreu@hotmail.com.br

followers, of unknown authorship. The objective is to raise, classify and interpret the thematization of poverty in the reports of visions and apparitions present in the sources. The approach took as inspiration the "thick description" as formulated by Clifford Geertz (1973) and applied to historical sources by Robert Darnton (1984). In the approach, the notion of representation, formulated by the French historian Roger Chartier (1991), was used. The contribution made showed that: poverty is a capital issue in the *Fioretti of São Francisco*; the exaltation of poverty present in the *Fioretti* can be interpreted as a component of medieval Christian imagery and the traditions that influenced it; on the other hand, it is a contestation of the emerging bourgeois values, with the function of promoting one of the capital values of the Franciscan Order.

Keywords: Franciscanism; Saint Francis; Middle Age; Poverty.

I. INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a pobreza no contexto do franciscanismo quatrocentista italiano. Para isso, toma como matéria-prima os *Fioretti de São Francisco*, conjunto de historietas em torno de São Francisco e seus seguidores. Os *Fioretti* são uma coleção de 53 (ou 54)³ historietas de caráter edificante dispostas sem ligação lógica, escritas em dialeto toscano durante o Trecento⁴.

As condições de produção do florilégio são pouco sabidas. De autor desconhecido, ele teria sido produzido entre 1370 e 1390 (NEGRI, 1986, p. 185). Trata-se, porém, da vulgarização da obra latina *Actus beati Francisci et sociorum ejus* escrita, ao menos em sua maior parte, por Frei Ugolino de Motegiorgio, na primeira metade do século XIV.

Os *Fioretti* podem ser encaixados num importante gênero textual do medievo: os *exempla*. O *exemplum* (singular de *exempla*) era uma historieta edificante usada pelos pregadores para ilustrar os seus sermões, a fim de os seus ouvintes assimilarem melhor a mensagem que pretendiam transmitir (LE GOFF, 1990, p. 151). O gênero ganha enorme

³ Originalmente, os *Fioretti de São Francisco* tinham a composição de 52 capítulos. Todavia, houve o aumento para 53 capítulos com a divisão do capítulo primeiro em duas partes. Tal divisão, encontra-se em manuscritos muito antigos, estando já presente em algumas edições do século XIV (NEGRI, 1986, p. 188-189).

⁴ Fase da história italiana correspondente ao século XIV, vista como momento de elaboração do renascimento (um Pré-Renascimento), mas ainda marcada por elementos medievais (MARQUES, 2014, p. 128).

sucesso a partir do século XII, sendo muito usado pelas ordens mendicantes em sua pregação. Os franciscanos, além de usuários, são fabricantes das primeiras coleções do gênero (LE GOFF, 2001, p. 221).

Este trabalho recai, particularmente, sobre dois *exempla* contidos nos *Fioretti de São Francisco*: “Aparição de São Pedro e São Paulo” e “Aparição de São João, Nossa Senhora e São Francisco”⁵. O objetivo do estudo é levantar, classificar e interpretar a tematização da pobreza nos dois textos.

Na abordagem do material, fez-se uso da noção de *representação*, como utilizada no domínio da História Cultural pelo historiador francês Roger Chartier (1991). De acordo com ele, a representação apresenta três características: é fabricada e usada pelos grupos e não pelos indivíduos; tem abrangência circunscrita a determinado segmento social, em determinado contexto histórico; e exerce funções políticas.

No plano metodológico, a abordagem norteou-se pelo método antropológico tal como usado pelo historiador norte-americano Robert Darnton (1984). A aplicação desse método no conhecimento histórico inspira-se, por sua vez, nas concepções de *cultura* e *procedimento etnográfico* definidos pelo antropólogo C. Geertz (1973). Este concebe a cultura como uma teia de significados tecidos pelos homens, e a “descrição densa” como o método próprio para compreender essa teia. Adaptada para a História, essa metodologia permite ao historiador conceber os indivíduos imersos no idioma geral fornecido pela cultura.

II. Elogiando a Senhora Pobreza

Aflora, nos *Fioretti de São Francisco*, um conjunto de temas e valores franciscanos. Um deles é, sem dúvida, a pobreza, intensamente tematizada e defendida na obra. A defesa apresenta-se, entre outras ocasiões, nos relatos de visões e aparições do sobrenatural, dos quais os *Fioretti* são repletos. Amostra disso são os capítulos “Aparição de São Pedro e São Paulo” e “Aparição de São João, Nossa Senhora e São Francisco”.

⁵ Os referidos títulos dos *exempla* não existem originalmente nos documentos. Eles foram criados pelo autor do artigo a fim de facilitarem a compreensão do leitor.

Façamos um breve resumo desses dois relatos que serão examinados.

“Aparição de São Pedro e São Paulo”⁶ relata como os próprios apóstolos aparecem a São Francisco e frei Masseo para aperfeiçoá-los na prática da pobreza. Os dois frades estão na província de França. Famintos, eles mendigam alimentos.

A esmola recebida pelos dois foi bem distinta. A Francisco de Assis, por ser “pequeno de corpo, e por isso reputado como um vil pobrezinho”⁷, foram doados “algumas côdeas e pedacinhos de pão seco”⁸. Já a frei Masseo, “homem alto e cheio de corpo”⁹ foram dados “muitos bons e grandes pedaços e pães inteiros”¹⁰.

Após mendigarem, frei Francisco e frei Masseo põem, sobre a pedra próxima a uma fonte, o alimento recebido, como se fosse uma mesa de refeição. Então, São Francisco, que recebera as esmolas de pior qualidade, olha para o companheiro e diz: “O’, frei Masseo, não somos dignos deste grande tesouro”¹¹. Frei Masseo ouve-o com misto de surpresa e indignação. Diz ele: “Pai, como se pode chamar tesouro, onde há tanta pobreza e falta de coisa que necessitamos?”¹². Frei Masseo, então, acusa a falta de elementos esperados numa refeição, desde o ambiente apropriado até o uso de utensílios como garfo e faca. Que tesouro poderia haver ali?

Diante da reação do confrade, frei Francisco, modelo cristão dos *Fioretti*, vê boa ocasião para explicar a importância da mendicância e do consequente desapego a bens materiais. A respeito da simplicidade do ambiente, ele afirma: “Isto é o que considero grande tesouro”¹³.

⁶ No documento, o título fictício corresponde ao capítulo número 13 (considerando a versão com 53 capítulos) ou 12 (considerando a de 52). A versão usada para este trabalho, transcrita de manuscritos medievais pelo crítico e filólogo italiano Giorgio Petrochio, computa 53 capítulos.

⁷ *piccolo di corpo, e perciò era riputato um vile poverello*

⁸ *parecchi bocconi e pezuoli di pane secco*

⁹ *uomo grande e bello del corpo*

¹⁰ *buoni pezzi e grandi e assai e del pane intero*

¹¹ O frate Masseo, noi non siamo degni di questo così grande tesoro

¹² *Padre carissimo, come se può chiamare tesoro dov'è tanta povertà e mancanza de quella cose che bisognano*

¹³ *E questo è quello che io reputo grande tesoro*

Explica o santo que o que há diante deles – o ambiente e o alimento – não é fruto de indústria humana, mas dádivas da Providência Divina. Após o ensinamento, Francisco exorta a Frei Masseo a pedir a Deus para que ambos amem mais “o tesouro da santa pobreza”¹⁴.

Ainda neste *exemplum*, são Francisco encoraja o seu confrade a irem a Roma pedir a São Pedro e São Paulo o aperfeiçoamento da prática da pobreza. Quando na Igreja de São Pedro, os próprios apóstolos Pedro e Paulo aparecem aos frades em grande esplendor e garantem que o pedido dos dois religiosos será atendido por Deus.

O texto põe nos lábios de São Francisco remissões bíblicas que fortalecem a representação da pobreza como ideal, mais que franciscano, cristão. O santo chama-a de virtude evangélica (derivada do Evangelho) e atribui a mesma ao próprio Jesus. Ressalta ainda a necessidade de ser imitada pelos cristãos. Diz Francisco de Assis que a pobreza “acompanhou Cristo na cruz”¹⁵, “com Cristo foi crucificada, com Cristo ressuscitou, com Cristo foi ao céu”¹⁶.

O outro texto, “Aparição de São João, Nossa Senhora e São Francisco”¹⁷, conta como os três santos citados apareceram a frei Pedro, frade virtuoso que vivia no convento de Forano, da custódia de Ancona. Os santos aparecem para revelar qual deles, em vida, mais sofrera a Paixão de Cristo – tema, de modo geral, caro à espiritualidade do século XIII (VAUCHEZ, 1995, p.114), especialmente, aos franciscanos. (VAUCHEZ, 2013, p. 321).

Antes da aparição dos santos, conta o *exemplum* que Frei Pedro, homem piedoso, estava a orar, pensando devotamente a respeito da Paixão. O frade, assim, refletia sobre a “dor mental”¹⁸ que São Francisco, São João e Nossa Senhora tiveram diante da Paixão de Cristo.

Naquele instante, uma dúvida espiritual assalta frei Pedro. Qual dos três santos supracitados mais condeu-se com a Paixão de Jesus Cristo? Seria “a Mãe, que o tinha gerado,

¹⁴ *il tesoro dela santa povertà*

¹⁵ *accompagnò Cristo in sulla croce*

¹⁶ *com Cristo fu seppellita, con Cristo resuscitò, con Cristo salì in cielo*

¹⁷ No documento, corresponde ao capítulo número 44 (considerando a versão com 53 capítulos) ou 53 (considerando a de 52).

¹⁸ *dolore mentale*

ou o discípulo, o qual havia dormido sobre o peito, ou são Francisco, que com ele estava crucificado”¹⁹?

Conta a historieta que, para satisfazer a curiosidade do frade, são os próprios santos que lhe aparecem. Aparição digna das três figuras celestiais! Surgem em “nobilíssimas vestes de glória bem-aventurada”²⁰.

Mas, tão logo a aparição ocorre, o relato do *exemplum* retorna ao objetivo: a resolução da dúvida. Um dos três santos, São João Evangelista, dirige, pois, a palavra a frei Pedro. Segundo o santo apóstolo, quem mais sofreu a Paixão do Senhor foram ele mesmo e Nossa Senhora. Porém, salienta, depois deles, “São Francisco teve dor maior do que outro qualquer”²¹.

Na sequência narrativa, após aclarada sua dúvida, o frade observa algo ainda mais curioso: as vestes de São Francisco pareciam ser mais belas e brilhantes que as de São João. Frei Pedro, então, indaga o motivo disso. São João Evangelista explica: “porque, quando ele [São Francisco] estava no mundo, trouxe consigo vestes mais vis do que eu”²².

Após explicar o motivo da excelência do vestuário de São Francisco post-mortem a frei Pedro, o texto conta que São João Evangelista toma em mãos outras vestes gloriosas²³ e as dá ao frade. Frei Pedro não chegou a pô-las. Antes disso, o frade caiu no chão, tamanho assombro lhe acomete. Assim finda a visão.

Vejamos, mais de perto, alguns aspectos indiciados nos dois *exempla* acima resumidos: a exaltação dum Cristo pobre, a caracterização de São Francisco como pobre exemplar, o elogio da mendicidade, a evocação da pobreza apostólica e a recompensa *post-mortem* pela pobreza terrena.

¹⁹ *a Madre la quale l'avea generato, o il discepolo il quale avea dormito sopra il petto suo, o santo Francesco il quale era con Cristo crocifisso*

²⁰ *nobilissimi vestimenti di gloria beata*

²¹ *santo Francesco n'ebbe maggiore que niuno altro*

²² *imperò che, quando egli era nel mondo, egli portò indosso più vili vestimenti che io*

²³ *vestimento glorioso*

A exaltação da pobreza de Cristo comparece em “Aparição de São Pedro e São Paulo”. Como viu-se, o *exemplum* atribui a virtude da pobreza ao Cristo. Nele, São Francisco afirma que ela acompanhou Jesus na crucificação, morte e ressurreição.

Essa exaltação é lugar-comum nas fontes franciscanas. Isso apresenta-se já nos escritos de Francisco de Assis, como vê-se na “Regra Não Bulada da Ordem” (1221)²⁴, na qual se diz que o próprio Jesus e a sua mãe mendigaram para sobreviver²⁵. Tal caracterização franciscana do Cristo era um modo de tornar mais desejável o desapego material, já que se tomava como modelo insuspeito o próprio Jesus.

Essa visão de Cristo como pobre, presente no relato, pode ser vista como expressão das mudanças em suas representações a partir do século XI. Desde aquele momento, a imagem do Cristo Deus e Rei dá lugar a um Cristo humano e pobre (VAUCHEZ, 1995, p.73). A propósito, a recorrência do dito “nudus nudum Christus sequi” nos textos religiosos do período ilustra bem a importância da pobreza material para os cristãos daquele tempo (VAUCHEZ, 1995, p. 123).

A exaltação da pobreza de Cristo, documentada no *exemplum*, tinha forte fundamentação no Novo Testamento. Tanto no Evangelho de Mateus quanto no de Lucas, Jesus prega o desapego ao dinheiro²⁶. Nesses mesmos textos, o Cristo exorta os discípulos a se preocuparem mais em juntar tesouros no céu que na terra, onde ladrões roubam e traças danificam²⁷. Já Paulo de Tarso prega, em carta dirigida aos habitantes de Corinto, que Jesus, sendo rico, fez-se pobre para enriquecer os homens com a sua pobreza²⁸. Desse modo, São

²⁴ Às vezes, também chamada de “Primeira Regra”, a *Regra Não Bulada* foi o texto concluído por São Francisco em 1221, após pressão do alto clero. Nela encontram-se exortações, considerações espirituais e normas de comportamento, surtidas com várias citações bíblicas. Diferente das outras regras de ordens religiosas, todavia, ela foi concebida basicamente como memorial dos seus ensinamentos e princípios fundamentais de vida dos frades menores e não como documento de natureza jurídica. Por conta dessa atipicidade, a Regra foi recusada pelo papado. Devido à recusa, tornou-se conhecida como *regula non bullata* – ou seja, regra não promulgada oficialmente (VAUCHEZ, 2013, p. 145).

²⁵ “E quando for preciso, que vão pedir esmola. Nem se envergonhem disto, mas antes recordem que Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho do Deus Vivo todo-poderoso [...] não se envergonhou de tornar-se para nós pobre e peregrino; e vivia de esmola, ele mais a bem-aventurada Virgem e seus discípulos” (*Regra Não Bulada da Ordem dos Frades Menores* 9, 5).

²⁶ Mt 6, 22; Lc 16, 13.

²⁷ Mt 6, 19-21; Lc 12, 33-34.

²⁸ 2 Cor 8, 9.

Francisco, ao mendigar e desprezar os bens materiais, imitava o Cristo, que “não tem onde reclinar a cabeça”²⁹.

Outro aspecto a ser considerado é a caracterização de São Francisco de Assis como pobre exemplar nos dois textos. Como foi visto, a historieta “Aparição de São Pedro e São Paulo” apresenta o santo como alguém desapegado dos bens materiais e sedento pela prática da pobreza. Ele mendiga por comida e é grato pelas esmolas mais desprezíveis, recebendo-as como dons da Providência. Na historieta, mesmo o seu corpo é pobre de atributos físicos, o que lhe rende menos esmolas que o seu companheiro frei Masseo. Já em “Aparição de Nossa Senhora, São João e São Francisco”, o fundador dos frades menores é referido como alguém que usou roupas pobres durante a vida terrena.

A pobreza de Francisco de Assis é muito exaltada nas fontes franciscanas. Na “Legenda Menor” ainda, São Boaventura o caracteriza como homem “rico de pobreza” e mendicante humilde³⁰. Nas biografias do santo de Assis, é bastante conhecido o episódio em que ele se despe publicamente frente ao bispo e ao seu pai, em sinal de desprezo às riquezas³¹.

Esse predicado do patriarca franciscano serve, obviamente, para a sua exaltação. Associa-o à já supradita pobreza de Cristo, enfatizada pelo franciscanismo³². Representar o santo como fraco de corpo e mendicante é um meio usado pelos franciscanos para promover o fundador como um auter Christus.

Levando-se o uso dos *exempla* nos sermões, a exaltação da pobreza de Francisco de Assis funciona para expô-lo como um modelo de vida cristã. Esse modelo expressa-se na santa pobreza, que deve, então, ser imitada.

²⁹ Mt, 8, 20.

³⁰ “Firmado nesta base da humildade de Cristo e rico de pobreza, embora nada possuísse, [São Francisco] entregou-se à restauração da igreja, de acordo com a missão que lhe coubera do Crucificado [...] Não se envergonhava de mendigar a sua comida junto àqueles a quem outrora exibira as suas riquezas.” (*Legenda Menor* 1, 9).

³¹ Sobre o episódio, conta Tomás de Celano: “Diante do bispo, já não suportou demoras [...] Despiu-se imediatamente, jogou no chão as suas roupas e as devolveu ao pai [...] Foi assim que São Francisco tratou de desprezar a própria vida, deixando de lado toda a solicitude, para encontrar como pobre a paz no caminho que lhe fora aberto” (*Primeira Vida de São Francisco*, Primeiro Livro, 6, 15). São Boaventura, por sua vez, relata: “Ao chegar à presença do bispo, sem hesitar por um instante [...] tirou todas as suas vestes e mesmo os calções [...] Desde então, desprezando o mundo, livre das cobiças mundanas, deixou sua cidade natal, alegre e despreocupado” (*Legenda Menor* 1, 7-8).

Outro aspecto a ser observado no *exemplum* é a defesa da mendicidade, tema comum entre os franciscanos dos primeiros séculos. De acordo com essa perspectiva, a mendicância tornava o homem dependente da Providência e também grato pelo que esta lhe fornecia. Segundo o ideal franciscano, a mendicância era, mais que virtuosa, honrosa. Exercendo-a, os frades imitavam Jesus e sua Mãe, que, segundo a *Regra Não Bulada*, “foram autênticos pobres que pediram hospitalidade e viveram de esmolas”³³.

Todavia, a prática da mendicância no franciscanismo primitivo, aludida no *exemplum*, tinha outra motivação: a necessidade de sobrevivência material dos membros da Ordem. Isso porque o franciscanismo, em sua origem, opunha-se a qualquer tipo de propriedade³⁴, individual ou compartilhada³⁵. Havia, então, a convicção de que toda propriedade gerava a tentação da avareza e da violência. Como São Francisco no *exemplum*, os franciscanos confiavam a sua sobrevivência à Providência divina, materializada na esmola (VAUZHEZ, 1995, p. 128).

A defesa da mendicância pelo *exemplum*, porém, é motivada por algo além da necessidade de sobrevivência material (Ibid, p. 128). Há o motivo espiritual. Ela importava, verdadeiramente, como caminho virtuoso para imitação de Cristo³⁶. A mendicância era edificante, pois fazia os frades mais dependentes de Deus – ou, mais precisamente, da Providência divina mencionada no *exemplum*.

A apologia da mendicância, feita pelos franciscanos, contrasta grandemente com o otimismo econômico vivido pela cristandade a partir do século XI (LE GOFF, 1991, p. 7). Assim, o desprezo pelos bens materiais que o *exemplum* ilustra é sinal de contradição. Tal apologia, contrapõe-se fortemente aos valores da burguesia, que então encontrava-se em

³³ *Regra Não Bulada* 9, 5.

³⁴ As duas regras da Ordem dos Frades Menores tratam a respeito da propriedade. Assim diz a escrita em 1223: “A Regra e a vida dos frades menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade.” Diz ainda mais à diante: “Os irmãos não tenham propriedade sobre coisa alguma, nem sobre casa, nem lugar, nem outra coisa qualquer; mas como peregrino e viandantes (cf. 1 Pd 2, 11) que neste mundo servem ao Senhor em pobreza e humildade, peçam esmolas com confiança.” (*Regra Bulada* 1,1; 6, 1). A Regra de 1221, por sua vez, prescreve a seguinte condição: “[...] se o candidato resolver abraçar esta vida, venda tudo o que possui – na medida em que puder fazê-lo espiritualmente sem impedimento – e procure distribuí-lo aos pobres (*Regra Não Bulada* 9, 2).

³⁵ A recusa, pelos franciscanos, de propriedade individual e coletiva opõe-se a outra concepção de pobreza: a dos monges beneditinos e dos cônegos regulares. Para estes, as aspirações à pobreza comunitária eram perfeitamente conciliáveis com a posse coletiva de bens importantes.

³⁶ *Regra Não Bulada* 9, 5

ascensão. Mas a falta de preocupação torna-se compreensível se notarmos que o franciscanismo é, de certo modo, uma manifestação da aversão e do medo diante do dinheiro e do comércio que o desenvolvimento econômico significava (LE GOFF, 1991, p. 94). Nesse contexto, a pregação da Santa Pobreza franciscana manifesta uma recusa aos valores econômicos e sociais da nova sociedade (LE GOFF, 1996, p. 34).

Essa representação de São Francisco como homem mendicante também contrapõe-se a um tipo social insistentemente condenado pelo clero medieval: o usurário, homem apegado ao lucro injusto. A literatura religiosa da época chega mesmo a representar o usurário como alguém capaz de preferir os suplícios infernais a largar a bolsa do dinheiro (LE GOFF, 1995, p. 65).

A representação dos apóstolos São Pedro e São Paulo como exercentes da pobreza é outro aspecto relevante no texto “Aparição de São Pedro e São Paulo”. Esse procedimento faz muito sentido no contexto histórico de elaboração dos *Fioretti*. Desde o século XII, havia, entre os religiosos, um movimento espiritual que tematizava a pobreza, tomando como modelo a comunidade apostólica, a *ecclesia primitiva*. O movimento que ficou conhecido como *vita apostolica* (VAUCHEZ, 1995, p. 82) e caracterizou-se pelo desapego aos bens materiais. É, pois, esse mesmo movimento que a referência aos apóstolos no *exemplum* parece refletir.

O ideal de *vita apostolica*, intuído da fala de São Francisco no *exemplum*, tem significativa base bíblica. Em sua defesa, os religiosos medievais tomavam o livro dos Atos dos Apóstolos (VAUCHEZ, 1995, p. 71). Esse texto bíblico assim retrata a comunidade cristã primitiva: “A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum” (At 4, 32.33). O texto bíblico aponta ainda o protagonismo dos apóstolos na divisão de bens: “Não havia entre eles necessitado algum. De fato, os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam-nos os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos.” (At 4, 34.35). No *exemplum* aludido, parece ecoar esse ideário.

Outro aspecto que comparece nos dois exempla é a recompensa pós-morte pela pobreza terrena. Esse tópico é notável, sobretudo, em “Aparição de São João, Nossa Senhora e São Francisco”. Nele, o esplêndido traje de São Francisco é apresentado como recompensa pela sua pobreza terrestre.

No *exemplum* citado, as vestes de São Francisco pareciam ser mais belas que as de João, o apóstolo, como recompensa pelo uso de vestes pobres durante a vida do santo frade. Essa

recompensa ajusta-se à pregação de simplicidade de veste feita pelo franciscanismo medieval. O valor comparece frequentemente nos escritos da ordem franciscana dos primeiros séculos – e os “Fioretti de São Francisco” são apenas um exemplo. Nas fontes atribuídas ao próprio Francisco de Assis vê-se a defesa do desapego às vestimentas e, mais exatamente, a prescrição do uso de vestimentas pobres³⁷.

Interessante notar o artifício que o *exemplum* apresenta para defender a pobreza das vestes³⁸. Faz-se uma oposição bastante convincente também presente noutros documentos franciscanos entre a pobreza das vestes terrenas e a beleza das celestes. Essa oposição conforma-se perfeitamente às representações medievais sobre este mundo e o Além. Segundo elas, havia duas possibilidades para o cristão: uma vida terrena feliz seguida por tormentos no Além (o inferno ou o purgatório); ou uma vida de sofrimentos e desprezo neste mundo seguida de alegria e glória no outro (no paraíso). Ter vida mundana cheia de deleites e depois viver no Paraíso era inconcebível³⁹, pois o sofrimento humano neste mundo, mais que normal, era necessário para a verdadeira vida (DUBY, 2001, p. 191)

Essa oposição da condição humana na terra e no Além, que o *exemplum* apresenta, tem origem bíblica. A esse respeito, o texto mais significativo talvez seja o Sermão da Montanha. Nele, há um conjunto de frases atribuídas a Jesus associando, diretamente, a fraqueza, injustiça e os sofrimentos humanos terrenos com a felicidade no Reino dos Céus⁴⁰.

³⁷ Assim, São Francisco dita como foram os primeiros passos da Ordem Franciscana: “E os que vinham abraçar este gênero de vida distribuíam aos pobres o que acaso possuíam. E eles se contentavam com uma só túnica remendada por dentro e por fora, com um cingulo e as calças” (Testamento 4, 16). Ainda a respeito das vestes diz o santo: “Os demais irmãos que já prometeram obediência usem uma só túnica com capuz, o cingulo e as calças. Todos os irmãos usem roupa comum e, com a bênção de Deus, podem remendá-la com panos rudes e outros retalhos de fazenda [...] E mesmo que sejam chamados de hipócritas, os irmãos nunca deixem de agir direito; a fim de poderem receber no reino dos céus as vestimentas da imortalidade e da glória.” (*Regra Não Bulada* 12, 13-17).

³⁸ A defesa de vestes pobres ocorre ao mesmo tempo em que havia por parte da nobreza e da burguesia grande valorização de roupas refinadas.

³⁹ Tal incompatibilidade de uma vida sem sofrimentos neste mundo e no outro é vista num documento um pouco posterior (da primeira metade do século XV) aos *Fioretti de São Francisco*, o *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis. Nele consta: “Aprende a sofrer um pouco, para que possas te livrar de coisas mais graves [...] Certo é que não colherás duas venturas: deleitar-te aqui no mundo e deleitar-te depois com Cristo” (*Imitação de Cristo*, livro primeiro, cap. 24).

⁴⁰ Mt 5, 1-12

A defesa da simplicidade de vestimenta, presente na historieta, também tem origem bíblica. Ela está presente, por exemplo, no Evangelho de Mateus, onde se diz que não se deve preocupar com o que vestir⁴¹.

Essa ideia de retribuição também comparece em “Aparição de São Pedro e São Paulo”. O vestuário brilhantes dos apóstolos, como registrado no *exemplum*, parece contrastar com o ideal de pobreza. Todavia, como vimos, na concepção cristã medieval, a riqueza pós-morte era uma recompensa pela pobreza na vida terrena. O brilho, claramente, expressa o esplendor que os santos têm no céu.

Todos esses aspectos focalizados nos *exempla* até agora considerados podem ser lidos à luz do conceito de representação, de Roger Chartier (1991).

Primeiramente, tais aspectos, como vimos, são de natureza coletiva e não individual. Eles têm origem nas concepções do cristianismo medieval da Baixa Idade Média, ligados às concepções de *pobreza evangélica* e *vita apostólica*. Têm também origem na tradição bíblica, que influenciou profundamente o medievo.

Por outro lado, a visão da pobreza expressa pelos *exempla* tem abrangência circunscrita a um determinado grupo: no caso, os seguidores de São Francisco. Observe-se que outras ordens religiosas adotam outros carismas – exemplo: os beneditinos, o trabalho e a oração; os dominicanos, a pregação.

Por fim, as representações da pobreza expressas nos *Fioretti* têm evidente função política. Assim, é possível ver nelas uma arma de propaganda usada pelos franciscanos no contexto de disputa por fiéis com outras ordens religiosas. Essa propaganda visava promover o modelo franciscano de vida cristã baseado na prática da pobreza, competindo com outros modelos existentes. O Cristo pobre dos franciscanos contrasta com Cristo Rei entronado na Igreja de Roma.

⁴¹ Mt 6, 25-34

III- Conclusão

Finalmente, o exame até aqui efetuado sobre os *exempla* dos *Fioretti de São Francisco* leva-nos a algumas conclusões.

A primeira é que tal tema especifica-se em alguns eixos: a exaltação do Cristo pobre em contraste com o Cristo Rei; a caracterização de São Francisco como pobre exemplar, associando-o à fraqueza do Cristo humanado; o elogio da mendicidade como forma de desapego aos bens materiais; a evocação da pobreza apostólica, impondo um modelo baseado na comunidade cristã primitiva; a recompensa *post mortem* pela pobreza terrena por meio do vestuário brilhante dos santos.

Depois, conclui-se que o valor da pobreza defendido nos *exempla* analisados opõe-se intensamente aos valores da nobreza estabelecida e da burguesia em ascensão a partir do século XII.

Por fim, tal tematização, documentada nos *Fioretti*, tem função de promover a pobreza como virtude e meio para a importante para a salvação.

IV- FONTES

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

I fioretti di san Francesco (Trad.: G. Petrocchi). Milano: BUR, 2001.

Imitação de Cristo (Trad.: Pe. J. Cabral). São Paulo: Paulus, 2015.

SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (orgs.). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos.** Petrópolis: Vozes, 2000.

V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p.173-191, apr. 1991. ISSN 1806-9592. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>>. Acesso em: 03 maio de 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade de homens: do amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letas, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida: a usura na Idade Média, economia e religião**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e banqueiros da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1990.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARQUES, Luís Henrique. **I Fioretti de San Franceso como instrumentos de comunicação do Cristianismo no Trecento Italiano: indícios de um contexto cultural**. *Teocomunicação*, v. 4, p.122-137, n.1, 2014.

NEGRI, Teodoro. **Invito alla lettura dei “Fioretti”**. *Língua e Literatura*, [S.l.], v. 15, p. 183-197, dec. 1986. ISSN 0101-4862. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/113992/111848>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média ocidental: séc. VIII - XIII**. Lisboa, Portugal: Estampa, 1995.

VAUCHEZ, André. **Francisco de Assis, Entre História e Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

VI - ANEXOS

Anexo-A

Capítulo 13 [Aparição de São Pedro e São Paulo]

O maravilhoso servo e seguidor de Cristo, isto é, monsiôr S. Francisco, para se conformar perfeitamente com Cristo em todas as coisas, o qual, segundo o que diz o Evangelho, mandou os discípulos dois a dois a todas aquelas cidades e regiões aonde devia ir; depois que,

a exemplo de Cristo, reunira doze companheiros, os enviou pelo mundo a pregar dois a dois. E, para lhes dar o exemplo de verdadeira obediência, começou ele primeiramente a ir a exemplo de Cristo, o qual começou primeiramente a fazer do que a ensinar. Pelo que, tendo designado aos companheiros as outras partes do mundo, ele, tomando Frei Masseo por seu companheiro, seguiu para a província da França. E chegando um dia, com muita fome, a uma cidade, andaram, segundo a Regra, mendigando pão pelo amor de Deus; e S. Francisco foi por uma parte e Frei Masseo por outra. Mas, por ser S. Francisco um homem muito desprezível e pequeno de corpo e por isso reputado um vil pobrezinho por quem não o conhecia, só recolheu algumas côdeas e pedacinhos de pão seco. Mas a Frei Masseo, pelo fato de ser um homem alto e cheio de corpo, deram muitos e bons pedaços grandes e pães inteiros. Acabada a mendigação, reuniram-se fora da cidade para comer em um lugar onde havia uma bela fonte e junto uma bela pedra larga, sobre a qual cada um colocou as esmolas recebidas. E, vendo S. Francisco que os pedaços de Frei Masseo eram em maior número e mais belos e maiores que os dele, mostrou grande alegria e disse assim: “Ô Frei Masseo, não somos dignos deste grande tesouro”. E, repetindo estas palavras várias vezes, respondeu-lhe Frei Masseo: “Pai, como se pode chamar tesouro, onde há tanta pobreza e falta de coisas que necessitamos? Aqui não há toalha, nem faca, nem garfo, nem prato, nem casa, nem mesa, nem criada, nem criado”. Então disse S. Francisco: “Isto é o que considero grande tesouro, porque não há coisa nenhuma feita pela indústria humana; mas o que aqui existe é feito pela Providência divina, como se vê manifestamente pelo pão mendigado, pela mesa de pedra tão bela e pela fonte tão clara: por isso quero que peçamos a Deus que o tesouro da santa pobreza tão nobre, o qual tem Deus para servir, seja amado de todo o coração”. E ditas estas palavras e rezada a oração e tomada a refeição corporal com aqueles pedaços de pão e aquela água, levantaram-se para ir à França, e, encontrando uma igreja, disse S. Francisco ao companheiro: “Entremos nesta igreja para orar”. E S. Francisco se pôs em oração atrás do altar: e nesta oração recebeu da divina visita tão excessivo fervor, que inflamou tão fortemente sua alma no amor da santa pobreza que, pela cor da face como pela boca excessivamente aberta, parecia lançar chamas de amor. E vindo assim como abrasado ao companheiro, disse-lhe: “A. A. A., Frei Masseo, entrega-te a mim”. Assim disse três vezes; e na terceira vez S. Francisco com o hálito levantou Frei Masseo no ar, e o lançou diante de si à distância de uma comprida lança; de que Frei Masseo teve grandíssimo espanto, e depois contou aos companheiros que naquela impulsão e suspensão, que lhe deu S. Francisco com o hálito, sentiu tal doçura na alma e consolação do Espírito Santo como nunca em sua vida sentira tanta. E feito isto disse S. Francisco: “Companheiro caríssimo, vamos a S. Pedro e S. Paulo, e roguemo-lhes que nos ensinem e nos ajudem a possuir o desmesurado tesouro da santíssima pobreza; porque ela é

tesouro tão digníssimo e tão divino que não somos dignos de possuí-lo em nossos vilíssimos vasos; atendendo que ela é a virtude celeste, pela qual todas as coisas terrenas e transitórias são calcadas aos pés e pela qual todo obstáculo se afasta diante da alma, a fim de que ela se possa livremente unir com o Deus eterno. E ela esta virtude, a qual faz a alma presa à terra conversar no céu com os anjos. Esta é aquela que acompanhou Cristo na cruz; com Cristo foi sepultada, com Cristo ressuscitou, com Cristo subiu ao céu, e a qual, e ainda nesta vida, concede às almas, que dela se enamoram, agilidade para voar ao céu; para o que ela ainda guarda as armas da verdadeira humildade e da caridade. E por isso roguemos aos santíssimos apóstolos de Cristo, os quais foram perfeitos amadores desta pérola evangélica, que nos mendiguem esta graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, que pela sua santíssima misericórdia nos conceda o merecimento de sermos verdadeiros amadores, observadores e humildes discípulos da preciosíssima, amantíssima e evangélica pobreza”.

E com este falar chegaram a Roma e entraram na igreja “de S. Pedro; e S. Francisco se pôs a orar em um canto da igreja, e Frei Masseo em outro; e conservando-se muito tempo em oração com muitas lágrimas e devoção, apareceram a S. Francisco os santíssimos apóstolos Pedro e Paulo com grande esplendor e disseram: “Pois que pedes e desejas observar aquilo que Cristo e os santos apóstolos observaram, Nosso Senhor Jesus Cristo nos envia a ti para anunciar-te que tua oração foi escutada e te foi concedido por Deus, a ti e a teus seguidores, perfeitissimamente o tesouro da santíssima pobreza. E ainda de sua parte te dizemos que a todo aquele que a teu exemplo seguir perfeitamente este desejo está assegurada a beatitude da vida eterna; e tu e todos os teus discípulos sereis por Deus abençoados”. E, ditas estas palavras, desapareceram, deixando S. Francisco cheio de consolação. O qual se levantou da oração e voltou ao companheiro e perguntou-lhe se Deus lhe havia revelado alguma coisa; e ele respondeu que não. Então S. Francisco lhe disse como os santos apóstolos lhe haviam aparecido, e o que tinham revelado. Do que, cada um cheio de letícia, determinaram volver ao vale de Espoleto, deixando de ir à França. Em louvor de Cristo. Amém.

Anexo-B

Capítulo 44 [Aparição de N. Senhora, São Francisco e S. João]

No tempo em que moravam juntos na custódia de Ancona, no convento de Forano, os sobreditos Frei Conrado e Frei Pedro (os quais eram duas estrelas luminosas na província da Marca e dois

homens celestiais); entre os dois havia tanto amor e tanta caridade, que parecia que ter em ambos o mesmo coração e uma mesma alma, e se ligaram por este pacto, que qualquer consolação que a misericórdia de Deus lhes desse, deviam revelar um ao outro por caridade. Firmando entre ambos esse pacto sucedeu que um dia, estando Frei Pedro em oração e pensando devotamente na paixão de Cristo, e como a bem-aventurada Mãe de Cristo e S. João, diletíssimo discípulo, e S. Francisco estivessem pintados ao pé da cruz, pela dor mental crucificados com Cristo, teve ele o desejo de saber qual dos três tinha sofrido dor maior pela paixão de Cristo; se a mãe, que o havia gerado, ou o discípulo o qual havia dormido sobre o peito, ou São Francisco, que com ele estava crucificado. E, permanecendo nesse devoto pensamento, apareceu-lhe a Virgem Maria com S. João Evangelista e com S. Francisco, vestidos de nobilíssimas vestes de glória bem-aventurada; mas S. Francisco parecia de vestes mais belas do que S. João. E estando Frei Pedro todo espantado com esta visão, São João o confortou e disse-lhe: Não temas, caríssimo irmão, pois viemos para te consolar e para esclarecer a tua dúvida. Sabe, pois, que a Mãe de Cristo e eu, mais do que todas as criaturas sofremos pela paixão de Cristo; mas, depois de nós, São Francisco teve a maior dor que mais nenhum, e por isso tu o vês em toda essa glória”. Frei Pedro perguntou-lhe: “Santíssimo apóstolo de Cristo, por que a roupa de São Francisco parece mais bonita do que a tua? ”. São João respondeu: “O motivo é este: pois que, quando ele estava no mundo, usou roupas mais vis do que eu”. Dizendo essas palavras, São João deu a Frei Pedro uma roupa gloriosa que trazia na mão e lhe disse: “Pega esta roupa, que eu trouxe para te dar”. E querendo São João vesti-lo com aquela roupa, Frei Pedro caiu no chão estupefato e começou a gritar: “Frei Conrado, Frei Conrado caríssimo, socorre-me logo, vem ver coisas maravilhosas! ”. Com essas palavras, a santa visão desapareceu. Quando Frei Conrado chegou, e lhe contou tudo direitinho, agradeceram a Deus. Para louvor de Jesus Cristo e do pobrezinho Francisco. Amém.